



# A Santa Sé

---

PAPA JOÃO PAULO II

**AUDIÊNCIA GERAL**

*Quarta-feira, 8 de Abril de 1981*

## ***Pedagogia do corpo, ordem moral e manifestações afectivas***

1. Convém-nos agora concluir as reflexões e as análises baseadas nas palavras ditas por Cristo no Sermão da Montanha, com que se referiu ao coração humano, exortando-o à pureza:

"Ouvistes que foi dito: Não cometerás adultério. Eu porém digo-vos que todo aquele que olhar para uma mulher, desejando-a, já cometeu adultério com ela no seu coração" (*Mt 5, 27-28*).

Dissemos repetidamente que estas palavras, escutadas uma vez pelos ouvintes, em número limitado, daquele Sermão, se referem ao homem de todos os tempos e lugares, e fazem apelo ao coração humano, em que se inscreve a *mais interior* e, em certo sentido, a mais essencial *trama da história*. É a história do bem e do mal (cujo início está ligado, no Livro do Génesis, com a misteriosa árvore do conhecimento do bem e do mal) e, ao mesmo tempo, é a história da salvação, cuja palavra é o Evangelho e cuja força é o Espírito Santo, dado Aqueles que recebem o Evangelho com o coração sincero.

2. Se o apelo de Cristo ao "coração" humano e, ainda antes, a sua referência ao "princípio" nos consentem construir ou pelo menos esboçar uma antropologia, que podemos chamar "teologia do corpo", *tal teologia é, ao mesmo tempo, pedagogia*. A pedagogia tende a educar o homem, pondo diante dele as exigências, motivando-as, e indicando os caminhos que levam às realizações delas. Os enunciados de Cristo têm também este fim: são enunciados "pedagógicos". Contêm uma pedagogia do corpo, expressa de modo conciso e, ao mesmo tempo, o mais possível completo. Quer a resposta dada aos Fariseus quanto à indissolubilidade do matrimónio, quer a palavras do Sermão da Montanha a respeito do domínio da concupiscência, demonstram — pelo menos indirectamente — ter o *Criador assinalado como característica do homem o corpo, a sua masculinidade e feminilidade*; e que na masculinidade e feminilidade Ihe assinalou em certo

sentido como característica a sua humanidade, a dignidade da pessoa, e também o sinal transparente da "comunhão" interpessoal, em que o homem mesmo se realiza através do autêntico dom de si. Pondo diante do homem as inteligências conformes às características a ele confiadas, o Criador indica simultaneamente ao homem, varão e mulher, os caminhos que levam a assumi-las e a realizá-las.

3. Analisando estes textos-chaves da Bíblia, até à raiz mesma dos significados que encerram, descobrimos precisamente aquela antropologia que pode ser denominada "teologia do corpo". É esta *teologia* do corpo que funda depois o mais apropriado método da *pedagogia do corpo*, isto é, da educação (melhor, da auto-educação) do homem. O que adquire particular actualidade para o homem contemporâneo, cuja ciência no campo da biofisiologia e da biomedicina muito progrediu. Todavia, esta ciência trata o homem sob determinado "aspecto" e portanto é mais parcial que global. Conhecemos bem as funções do corpo como organismo, as funções ligadas com a masculinidade e a feminilidade da pessoa humana. Mas tal *ciência, de per si, não desenvolve* ainda a consciência do corpo como sinal da pessoa, como manifestação de espírito. Todo o desenvolvimento da ciência contemporânea, relativo ao corpo como organismo, tem sobretudo o carácter do conhecimento biológico, porque é baseado na separação, no interior do homem, entre aquilo que é nele corpóreo e aquilo que é espiritual. Quem se serve de um conhecimento tão unilateral das funções do corpo como organismo, não é difícil que chegue a tratar o corpo, de modo mais ou menos sistemático, como *objecto de manipulações*; em tal caso o homem cessa, por assim dizer, de identificar-se subjectivamente com o próprio corpo, porque privado do significado e da dignidade derivantes de este corpo ser próprio da pessoa. Encontramo-nos aqui no limite de problemas, que muitas vezes exigem soluções fundamentais, impossíveis sem uma visão integral do homem.

4. Precisamente aqui vê-se claro que a teologia do corpo, como a deduzimos desses textos-chaves das palavras de Cristo, se torna o método fundamental da pedagogia, ou seja, da educação do homem do ponto de vista do corpo, na plena consideração da sua masculinidade e feminilidade. Aquela *pedagogia pode ser entendida* sob o aspecto de uma própria "*espiritualidade do corpo*"; o corpo, de facto, na sua masculinidade ou feminilidade, é dado como encargo ao espírito humano (o que de maneira estupenda foi expresso por São Paulo na linguagem que lhe é própria) e por meio de uma adequada maturidade do espírito torna-se, também ele, sinal da pessoa, de que a pessoa está consciente, e autêntica "matéria" na comunhão das pessoas. Por outras palavras: o homem, através da sua maturidade espiritual, descobre o significado esponsal, próprio do corpo. As palavras de Cristo no Sermão da Montanha indicam que a concupiscência, de per si, não desvela ao homem aquele significado, antes pelo contrário, o ofusca e obscurece. O conhecimento puramente "biológico" das funções do corpo como organismo, relacionadas com a masculinidade e feminilidade da pessoa humana, só é capaz de ajudar a descobrir o autêntico significado esponsal do corpo *se caminha a par e passo com uma adequada maturidade espiritual da pessoa humana*. Sem isto, tal conhecimento pode ter efeitos absolutamente opostos; isto é confirmado por múltiplas experiências do nosso tempo.

5. Deste ponto de vista, é necessário considerar com perspicácia as enunciações da Igreja contemporânea. Uma adequada compreensão e interpretação delas, como também a sua aplicação prática (isto é, precisamente, a pedagogia), requer aquela aprofundada teologia do corpo que, afinal, deduzimos sobretudo das palavras-chaves de Cristo. Quanto às enunciações contemporâneas da Igreja, é necessário tomar conhecimento do capítulo intitulado "Dignidade do Matrimónio e da Família e sua valorização", da Constituição pastoral do Concílio Vaticano II (*Gaudium et Spes*, parte II, c. I) e, em seguida da Encíclica *Humanae vitae* de Paulo VI. Sem qualquer dúvida, as palavras de Cristo, a cuja análise dedicámos muito espaço, tinham como fim, apenas, a *valorização da dignidade do matrimónio e da família*; daí a fundamental convergência entre elas e o conteúdo de ambas as enunciações mencionadas, da Igreja contemporânea. Cristo falava ao homem de todos os tempos e lugares; as enunciações da Igreja tendem a actualizar as palavras de Cristo, e por isso devem ser relidas segundo os princípios daquela teologia e daquela pedagogia que nas palavras de Cristo encontram raiz e apoio.

É difícil realizar aqui uma análise global das citadas enunciações do magistério supremo da Igreja. Limitar-nos-emos a referir algumas passagens. Eis de que modo o Vaticano II — pondo entre os mais urgentes problemas da Igreja no mundo contemporâneo "a valorização da dignidade do matrimónio e da família" *caracteriza a situação existente neste campo*: A dignidade desta instituição (isto é, do matrimónio e da família) não resplandece em toda a parte com igual brilho. Encontra-se obscurecida pela poligamia, pela epidemia do divórcio, pelo chamado amor livre e por outras deformações. Além disso, o amor conjugal é muitas vezes profanado pelo egoísmo, pelo amor do prazer e pelas práticas ilícitas contra a geração" (*Gaudium et Spes*, 47). Paulo VI, expondo na Encíclica *Humanae vitae* este último problema, escreve entre outras coisas: "Pode-se ainda temer que o homem, habituando-se ao uso das práticas anticoncepcionais, acabe por perder o respeito da mulher e (...) chegue a considerá-la como simples instrumento de gozo egoísta e não já como sua companheira respeitada e amada" (*Humanae vitae*, 17).

Não nos encontramos porventura aqui na *órbita da mesma solicitude*, que uma vez ditara as palavras de Cristo sobre a unidade e a indissolubilidade do matrimónio, como também as do Sermão da Montanha, relativas à pureza do coração e ao domínio da concupiscência da carne, palavras desenvolvidas mais tarde com tanta perspicácia pelo Apóstolo Paulo?

6. No mesmo espírito, o Autor da Encíclica *Humanae vitae*, falando das exigências próprias da moral cristã, apresenta, ao mesmo tempo, a *possibilidade de cumpri-las*, quando escreve: "O domínio do instinto, mediante a razão e a vontade livre, impõe indubitavelmente uma ascese — Paulo VI usa este termo — para que as manifestações afectivas da vida conjugal sejam segundo a recta ordem e em particular para que se observe a continência periódica. Mas esta disciplina, própria da pureza dos esposos, bem longe de prejudicar o amor conjugal, confere-lhe, pelo contrário, mais alto valor humano. Exige *contínuo esforço* (precisamente esse esforço foi chamado acima "ascese"), mas graças ao seu benéfico influxo os cônjuges desenvolvem integralmente a sua personalidade enriquecendo-se de valores espirituais. Ela... favorece a

atenção para com o outro cônjuge, ajuda os esposos a banir o egoísmo, inimigo do verdadeiro amor, e aprofunda o seu sentido de responsabilidade..." (*Humanae vitae*, 21).

7. Contentemo-nos com estas poucas passagens. Elas — particularmente a última — demonstram de maneira clara quanto é indispensável, para uma adequada compreensão do magistério da Igreja contemporânea, aquela teologia do corpo, cuja base procurámos sobretudo nas palavras do próprio Cristo. É exactamente esta — como já dissemos — que se torna o método fundamental de toda a pedagogia cristã do corpo. Fazendo referência às palavras citadas, pode-se afirmar que o fim da *pedagogia do corpo* está precisamente em fazer que "*as manifestações afectivas*" — sobretudo as "próprias da vida conjugal" — *sejam conformes à ordem moral*, numa palavra, à dignidade das pessoas. Nestas palavras volta o problema da recíproca relação entre o "ecos" e o "ethos", de que já tratámos. A teologia, entendida como método da pedagogia do corpo, prepara-nos também para as novas reflexões sobre a sacramentalidade da vida humana e, em particular, da vida matrimonial.

O Evangelho da pureza do coração, ontem e hoje: concluindo nós com esta frase o presente ciclo das nossas considerações — antes de passar ao ciclo sucessivo, em que a base das análises serão as palavras de Cristo sobre a ressurreição do corpo —, desejamos ainda dedicar um pouco de atenção à "necessidade de criar clima favorável para a educação da castidade", de que trata a Encíclica de Paulo VI (cf. *Humanae vitae*, 22), e queremos centrar estas observações sobre o problema do "ethos" do corpo nas obras da cultura artística, com particular referência às situações que encontramos na vida contemporânea.

## Saudações

### *A uma peregrinação de Estrasburgo (França)*

É com particular satisfação que saúdo, entre os vários grupos dignos de mérito, o dos peregrinos de Estrasburgo: pais, professores e alunos vieram juntos, meditando as exigências da misericórdia, para venerar os túmulos dos Apóstolos Pedro e Paulo, os quais, um e outro, experimentaram a alegria do perdão de Cristo. Desejo que encontrem nesta caminhada comum, vivida na fé, os meios exemplares de compreensão entre jovens e adultos conforme ao espírito evangélico da misericórdia. Oxalá possam partir mais fortes para levar um espírito novo às relações no liceu, no colégio, ou às suas famílias!

Abençoo-os de todo o coração.

### *A um grupo de personalidades de Viena (Áustria)*

Dirijo especial saudação de boas-vindas aos delegados e aos conselheiros da Câmara Municipal de Viena aqui presentes. Como distintos representantes dos vossos concidadãos, sacrificais boa parte do vosso tempo e das vossas energias em favor do bem comum. Esforçais-vos por encontrar as melhores soluções possíveis para cada um dos complexos problemas que a vida comunitária, hoje, apresenta. Desejaria, por isso que as vossas impressões na cidade eterna, com a sua mensagem desde a força viva do Evangelho, vos proporcionassem luz e orientação. Concedo-vos com prazer a especial bênção de Deus assim como para o vosso trabalho.

*A um grupo de estudantes da diocese de Münster (Alemanha)*

Saúdo também cordialmente a numerosa peregrinação da diocese de Münster, assim como o "Grupo de Peregrinos de San Ludgerus, 81", provenientes da mesma diocese. Renovação e aprofundamento da nossa vida religiosa significa sempre revisão e observação retrospectiva das fontes originárias da nossa fé. Oxalá obtenhais em abundância esta graça no vosso encontro com os lugares sagrados e se renovem o vosso ânimo e as vossas forças na missão cristã dentro da própria família, da escola e da sociedade. Para isso concedo-vos de coração a vós e a todos os peregrinos de língua alemã aqui presentes, a Bênção Apostólica.

*Aos membros da Associação Cultural de Osaka (Japão)*

Apresento as boas-vindas a todos vós,, membros da Associação cultural de Osaka. Saúdo todos de coração e, mediante as vossas pessoas, desejo abençoar todos os vossos irmãos e as vossas irmãs que estão no Japão.

*A 300 Religiosas do Movimento dos Focolarinos*

Saúdo agora com particular afecto as 300 Religiosas pertencentes ao "Movimento Internacional das Religiosas do Movimento dos Focolarinos", que vieram a Roma, provenientes de 50 Nações dos cinco Continentes, para aprofundar, no Centro Mariápolis de Rocca di Papa, o tema geral deste ano: "A vontade de Deus".

Como já tive ocasião de dizer a precedentes grupos de Focolarinos, recordai-vos nestes dias de oração e de meditação que a "vontade de Deus é a nossa santificação", segundo as palavras do Apóstolo Paulo (cf. 1 Tess 4, 3). Se fizerdes desta bela exortação a razão de ser da vossa vida religiosa, o Senhor certamente não deixará de vos enviar as suas luzes, as suas energias e os seus confortos para aderirdes cada vez mais plenamente à vontade divina, onde reside a nossa paz. Acompanho estes votos com unta especial Bênção Apostólica.

*Aos Doentes*

Caríssimos doentes, a minha saudação particularmente afectuosa chegue até vós que sois

aqueles que estais mais próximo do meu coração pela dívida de reconhecimento que tenho convosco: penso, de facto, no enorme dom das vossas orações e dos vossos sofrimentos que ofereceis ao Senhor pelo meu ministério.

A vossa presença na Sé de Pedro é nestes dias particularmente significativa, por coincidir com o período litúrgico que nos introduz nas celebrações da Paixão do Senhor. Não vos esqueçais que a sexta-feira santa é só momento de passagem para chegar à alegria da Páscoa, que é plenitude de vida em Cristo crucificado e ressuscitado.

Confiai-vos a Ele na vossa oração quotidiana, confiai-vos a Maria, Mãe Dolorosa.

E também a minha recordação ao Senhor, à qual uno de bom grado a confortadora. Bênção, vos acompanhe sempre.

© Copyright 1981 - Libreria Editrice Vaticana

---

©Copyright - Libreria Editrice Vaticana